

DE ANTÍGUA PARA A INGLATERRA: A SUBJETIVIDADE DO COLONIZADO EM *ON SEEING ENGLAND FOR THE FIRST TIME*, DE JAMAICA KINCAID

Alice Maria de Lemos Gramosa ¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar como a cultura do povo de Antígua é apagada sob a influência europeia que se inicia desde os primórdios da educação infantil do país. Através da narrativa de Jamaica Kincaid, no conto *On seeing England for the first time*, será feita uma análise do conto da escritora, que apresenta, por meio de uma narrativa literária, que todos os recursos de fabricação daquela terra idílica imaginária fracassaram ao entender, criticamente, que a Inglaterra não seria o paraíso na terra, tendo em vista o rastro da colonização que deixou atrás de si, e, ao mesmo tempo, é uma cultura que não é a sua. A autora, em seu conto, atua com atravessamentos que questionam os motivos da ausência da cultura dos povos originários do seu país, tendo como foco uma estética que não condiz com a realidade do seu povo, contrapondo as tradições que rodeiam sua trajetória de vida.

Palavras-chave: Colonização; Jamaica Kincaid; Identidade.

INTRODUÇÃO

Jamaica Kincaid – cujo nome de batismo é Elaine Potter Richardson, tendo feito a mudança do seu nome para que o povo de Antígua não soubesse que ela estava escrevendo - professora de estudos africanos e afro-americanos, é uma romancista e ensaísta que nasceu em Antígua, no ano de 1949. No seu país de origem, teve uma educação britânica, tendo um bom desempenho escolar. Durante uma parte de sua infância, tinha um bom relacionamento com a sua mãe, mas, depois do nascimento de seus três irmãos, se sentiu totalmente negligenciada pela mãe.

Aos dezessete anos, Kincaid foi mandada para os Estados Unidos da América, por sua mãe, para trabalhar como *au pair*, mas, logo depois, pediu demissão e tentou trabalhar em vários outros lugares, porém, sem sucesso. Depois de um tempo, a Jamaica Kincaid foi descoberta pelo editor da *The New Yorker*, William Shawn, que ficou impressionado pela escrita da autora, tornando-a escritora regular da revista com sua própria coluna,

¹ Licenciada em Letras – Língua Moderna – Inglês pela Universidade Federal da Bahia. Mestranda no Programa de pós-graduação em Literatura e Cultura - UFBA, alicedelemos@hotmail.com;

denominada de "*The Talk of the Town*". Jamaica Kincaide é autora de inúmeras obras, como *A small place* (1988), *Lucy* (1990), *Among the flowers: a walk in the Himalayas* (2005) e o conto "*On seeing England for the first time*" (1992), que será tratado nesse artigo.

Antígua, o ambiente narrado no conto, é um país localizado na América Central formado por três ilhas compostas por 90% de afro-americanos em sua população, colonizadas pelo Reino Unido a partir de 1956, tendo, atualmente, sua base econômica voltada ao turismo (OEA, 2017). A cultura de Antígua é predominantemente britânica, o que pode ser evidenciado em muitos aspectos da sociedade retratada por Kincaid.

Devemos considerar a narrativa da autora como um ato político e coletivo, em especial se levarmos em consideração o conceito de "literatura menor", cunhado por Deleuze e Guattari (2014) como uma "enunciação coletiva", que revoluciona toda ideia de que a cultura negra é inferior a cultura considerada padrão e branca. Ou seja, a proposta da "literatura menor" é apresentar novas narrativas de uma comunidade contra-hegemônica, pois, à medida que no conto encontra-se marca da subjetividade, essa intimidade comporta ações que provém do exterior, de um agenciamento maquínico.

O campo político contaminou todo o enunciado. Mas sobretudo, ainda mais, porque a consciência coletiva ou nacional está —sempre inativa na vida exterior e sempre em vias de desagregação! — é a literatura que se encontra encarregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou afastado de sua frágil comunidade, esta situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (DELEUZE, 2014, p. 37).

Em sua escrita, Kincaid apresenta uma ação de desterritorialização ao deslocar toda ideia de um padrão cultural europeu imposto a população que é constantemente marginalizada. A autora, em seu conto, atua com atravessamentos que questionam os motivos da ausência da cultura dos povos originários do seu país, tendo como foco uma estética que não condiz com a realidade do seu povo, contrapondo as tradições que rodeiam sua trajetória de vida. Tradições essas que sustentam um projeto político opressor e ideológico, fazendo com que as outras culturas se sintam inferiores, desqualificando o "menor". Desta forma, Kincaid tenta se desviar do padrão, indagando o modelo cultural estabelecido como forma natural de vida de Antígua, causando um epistemicídio cultural.

bell hooks (2019) diz que: “desafiados a repensar, artistas e intelectuais negros insurgentes buscam novas formas de escrever e falar sobre raça e representação, trabalhando para transformar a imagem” (p. 33). Desta forma, a representatividade da escritora Jamaica Kincaid na literatura é pertinente por ser um modelo para a população negra. Essa representatividade está pautada na ideia de um sistema de novas significações e atribuição de novos sentidos culturais (SILVA, 2013), no qual rasura um discurso eurocêntrico violento de repetição que contribui para um ideal hegemônico que não dá espaço para a outras produções de identidades, reforçando, então, um valor negativo ao oprimido.

On seeing England for the first time, um conto escrito por Jamaica Kincaid (1992), é uma autobiografia da autora sobre a vivência na sua cidade natal – que é dominada pela cultura britânica. Sua escrita é marcada por uma narrativa raivosa, que, segundo Carvalho (2016, p. 187),

[...] implica lidar diretamente com a voz de um narrador enfurecido. Em verdade, o narrador presente [...] nos textos literários [...] consolida a própria voz de Kincaid, enquanto mulher antiguanã, negra, vítima do colonialismo britânico, e que, acima de tudo, não tem medo de escancarar toda a raiva que sente pelo país europeu.

Por toda a narrativa, vemos resquícios da cultura dos ingleses invadindo todos os aspectos culturais de sua educação e de sua vida cotidiana desde a infância. A autora inicia contando seu primeiro dia aula em que ela vê, na escola, pela primeira vez, a Inglaterra por um mapa que a professora apresenta para os alunos. Durante seu percurso de crescimento, ela percebe que tudo que a rodeia tem uma marca bastante forte da cultura inglesa, tanto no café da manhã, como nas roupas e até mesmo em seus hábitos do dia a dia, e isso a incomoda. É observado, durante o conto, o descontentamento da Jamaica ao se deparar, a todo momento do seu dia a dia, com costumes britânicos.

Por meio dessa citação, Kincaid apresenta como o imaginário imposto desde a colonização é violento e força a acreditar que os costumes de seu povo não têm valor. Assim, na sua escrita, resgata o passado, e seu conto tem o propósito de chamar atenção para que as pessoas tenham em mente de que é necessário recuperar a sua cultura de

origem, buscando novos contextos e ter uma visão crítica sobre uma única narrativa e um ideal padrão de nação, resgatando memórias que foram forçadas à serem apagadas.

METODOLOGIA

O artigo vai discutir como a colonização implica no apagamento cultural e na perda da subjetividade do povo negro no país de Antígua. Para isso, será feita uma análise do conto da escritora por meio de uma narrativa literária. Será utilizando referenciais teóricos afrocentrados e que discutem a colonização pelo ponto de vista do sujeito que passou pelo processo da colonização.

REFERENCIAL TEÓRICO

Kincaid inicia a narrativa do conto com a cena em uma sala de aula em Antígua, quando a professora, com grande adoração, mostra o mapa da Inglaterra e ela vê aquele país pela primeira vez.

When my teacher had pinned this map up on the blackboard, she said, "This is England" – and she said it with authority, seriousness; and adoration, and we all sat up. It was as if she had said, "This is Jerusalem, the place you will go to when you die but only if you have been good." (KINCAID, 1992, p. 365)²

Durante o conto, é narrado que tudo é rodeado por objetos e ações britânicas, tanto a forma de se vestir ou comer. A personagem, Jamaica, se mostra incomodada com essa situação, pois ela não entende o porquê de sempre seguir tais regras inglesas, um recorte em que tal fato é evidenciado é quando ela começa a se questionar, durante o conto, por não compreender o motivo de todos seguirem o padrão de vida que foi imposto pelo colonizador. Vemos um exemplo disso quando Kincaid (1992) diz " The very idea of the meal itself, breakfast, and its substantial quality and quantity was an idea from England"³ (p. 366) e questiona esse costume em seguida ao afirmar:

² Quando minha professora pendurou este mapa no quadro negro, ela disse, "Esta é a Inglaterra – e ela disse isso com uma autoridade, seriedade; e adoração, e todos nós sentamos. Foi como se ela estivesse dito, "Esta é a Jerusalém, o lugar para onde você irá quando você morrer, mas só se você for bom". (TRADUÇÃO NOSSA)

³ A própria ideia da refeição em si, o café da manhã e sua substancial qualidade e quantidade era uma ideia da Inglaterra. (TRADUÇÃO NOSSA)

No one I knew liked eating so much food so early in the day; it made us feel sleepy, tired. But this breakfast business was Made in England like almost every – thing else that surrounded us, the exceptions being the sea, the sky, and the air we breathed. (KINCAID, 1992, p. 366)⁴

Faz parte da identidade forjada através da colonização a valorização do estrangeiro e um total desprezo pela cultura do seu próprio país. Uma parte bastante interessante do texto que demonstra isso, é quando ela comenta sobre as roupas usadas pelos habitantes de Antígua. Kincaid diz: “The shoes I wore were made in England; so were my socks and cotton undergarments and the satin ribbons I wore tied at the end of two plaits of my hair” (p. 365)⁵. Para Carol Barreto (2015), uma das formas de construção identitária é o vestuário. Ela diz que:

Compreendendo a Moda como Linguagem, estudar seus aspectos simbólicos, imaginários e ideológicos na expressão e normatização das identidades, por meio da caracterização dos códigos de gênero, sexualidade, raça/etnia, geração ou classe social, se impõe necessário por observar que ainda hoje os grupos majoritários em representatividade sintonizam por meio da eleição dos padrões de beleza e de bondade, aquilo que deve ser reproduzido pela massa de consumidoras de seus produtos e discursos. (BARRETO, 2015, s/p)

Para justificar tais ações, é necessário trazer uma discussão sobre o racismo estrutural que é uma das maiores consequências da colonização decorrente da valorização da cultura do colonizador (branco), em detrimento da cultura do colonizado (negra). Fanon (2008) faz uma análise dos sintomas que são causados pela internalização do racismo sobre os negros causando complexos de inferioridade e a fascinação pelo branco. Além disso, ele apresenta uma discussão sobre como o europeu colocou na cabeça dos negros o sentimento de inferioridade, tentando a todo o momento incutir que a estética padrão é a branca e que deve ser reproduzida nos países colonizados. Ele diz:

Usar roupas europeias ou trapos da última moda, adotar coisas usadas pelos europeus, suas formas exteriores de civilidade, florear a linguagem nativa com expressões europeias, usar frases pomposas falando ou escrevendo em uma língua europeia, tudo calculado para obter um sentimento de igualdade com o europeu e seu modo de existência (WESTERMANN, s/d apud FANON, 2018, p. 40)

⁴ Ninguém que eu conheço gostava de comer tanto assim de manhã cedo; isto fazia de nós sonolentos, cansados. Mas este café da manhã comercial foi feito na Inglaterra como várias outras coisas ao redor de nós, com exceção do mar, do céu e do ar que respiramos. (TRADUÇÃO NOSSA)

⁵ Os sapatos que eu usava eram feitos na Inglaterra; assim eram minhas meias e roupas de baixo de algodão e as fitas de cetim que eu usava amarradas no final de duas tranças do meu cabelo. (TRADUÇÃO NOSSA)

O negro não é visto ou percebido como norma ou modelo, possibilitando assim um desejo de se encaixar dentro dos padrões sociais. Quando pensamos no viés de Deleuze no livro *Platão e o Simulacro* (1974) ao discutir a semelhança (cópia) e o não semelhante (simulacro), a prática do negro de “copiar” o colonizador para sentir-se valorizado é fundada na ideia de que a “imagem” do negro seja considerada como uma péssima reprodução, um simulacro, ou seja, uma dessemelhança do original (GRAMOSA, 2020). Por esse motivo, justifica-se a ação do negro de se tornar uma cópia perfeita e reproduzir rigorosamente o modelo exposto pelo padrão branco, pois a “cópia e simulacro encenam um jogo de repressão/subversão na superfície, nas quais as estratégias são: a homologação de uma imagem verdadeira e a produção marginal de imagens falsas” (LELIS, 2017, s/p).

Neusa Souza (1983) também apresenta uma discussão sobre a ideia de cópia ao expor que, constantemente, o negro tenta se afastar da sua identidade de negro, como religiões e princípios, para tomar o branco como seu “modelo de identificação” (p. 18). Desta forma a necessidade de o negro seguir o modelo imposto é essencial para ser aceito na sociedade, se afastando da sua cultura.

Jamaica continua tentando entender o motivo para aprender tanto sobre um país que não é seu, que ela não pertence, um lugar ao qual ela nunca foi, nunca conheceu. Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2003) diz que “nas condições da modernidade [...], os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes a eles” (GIDDENS, 1990, p. 18 apud HALL, 2013, p. 18), desta forma, é possível notar que adotar a cultura praticada pelos europeus é resultado de um sentimento de querer pertencer e ser igual ao modo padrão.

Ao continuar analisando o texto, começamos a ver como a colonização aborda a perda de uma cultura, a perda da subjetividade do povo negro, pois a colonização é violenta, há um apagamento do país colonizado, perdendo, então, as histórias e o passado. Em seu conto, Kincaid comenta: “[...] I had been rescued, a hole filled with nothing, and that was the word for everything about me, nothing. The reality of my life was conquests, subjugation, humiliation, enforced amnesia. I was forced to forget.” (p. 369)⁶ e logo

⁶ Eu tinha sido resgatada, um buraco cheio de nada, e essa era a palavra para tudo sobre mim, nada. A realidade da minha vida foram conquistas, subjugação, humilhação, amnésia forçada. Eu fui forçada a esquecer. (TRADUÇÃO NOSSA)

depois ela afirma o reconhecimento do apagamento: “I did not know then that this statement was part of a process that would result in my erasure, not my physical erasure, but my erasure all the same.” (p. 367)⁷.

É nítido que a educação de Antígua era um processo totalmente voltado a uma alienação colonial. E esse projeto de colonização, por meio de um discurso, está atrelado ao controle, demarcação geográfica e imaginário cultural de uma nação (MBEMBE, 2018), imaginário esse que ameaça as outras diversas culturas que - na hierarquia de poder – são marginalizadas.

O discurso colonial é responsável pela produção do repúdio às diferenças raciais e culturais, no qual cria estereótipos em relação aos sujeitos negros, trazendo uma relação de poder e alienação (BHABHA, 2019). Desta forma, há uma tentativa de definir um padrão, ou seja, um falso modelo original que deve ser seguido, tentando fixar uma única ideia de identidade, e, o que foge desse ideal (de cultura e raça), é considerado como algo inferior. Portanto, para Bhabha (2019, p. 133):

A construção do discurso colonial é então uma articulação complexa dos tropos do fetichismo – a metáfora e a metonímia – e as formas de identificação narcísica e agressiva disponíveis para o imaginário. O discurso racial estereotipado é uma estratégia de quatro termos. Há uma amarração entre a função metafórica ou mascaradora do fetiche objeto-escolha narcísico e uma aliança oposta entre a figuração metonímica da falta e a fase agressiva do imaginário. Um repertório de posições conflituosas constitui o sujeito no discurso colonial.

Esses estereótipos, para o autor, são concebidos por meio de uma hierarquização de poder e fazem parte de uma visão errônea construída pelo processo colonial. Hall (1998) comenta que “a cultura nacional é um discurso” (p. 50) e as identidades criadas são feitas através das histórias e memórias contadas, sendo então uma “comunidade imaginada” (p. 51). Portanto, é através da literatura, oral ou escrita, que são feitas as construções culturais de uma sociedade e, neste processo, se cria a falsa ideia de que o modelo branco colonizador é tomado como padrão, pois são os meios de comunicação que determinam que história será contada à comunidade.

Percebemos, então, que há um complexo de inferioridade no país colonizado, pois devemos sempre lembrar que o negro sempre foi conceituado como algo ruim, logo, o

⁷ Eu não sabia, então, que essa afirmação era parte de um processo que resultaria em meu apagamento, não em meu apagamento físico, mas meu apagamento da mesma forma. (TRADUÇÃO NOSSA)

conceito de que o branco padrão deve ser seguido foi construído através das histórias da colonização.

No inconsciente coletivo, negro = feio, pecado, trevas, imoral. Dito de outra maneira: preto é aquele que é imoral. Se, na minha vida, me comporto como um homem moral, não sou preto. Daí se origina o hábito de se dizer na Martinica, do branco que não presta, que ele tem uma alma de preto. A cor não é nada, nem mesmo a vejo, só reconheço uma coisa, a pureza da minha consciência e a brancura da minha alma.” (FANON, 2008, p.162)

Fanon, então, mostra que o colonialismo reserva ao negro um complexo de inferioridade e dá ao branco um complexo de superioridade, fazendo com que ocorra a alienação da sua humanidade. Ainda em seu livro, Fanon explica que “o negro quer ser branco” (2008, p. 28). Conseqüentemente, quando os habitantes de Antígua reforçam a ideia de seguir os costumes da Inglaterra, no subconsciente, eles querem se igualar ao branco, pois “o branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (p.27). Por conta disso, o povo de Antígua, como a maioria dos povos colonizados, acreditava que a cultura do branco é muito superior à deles.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Finalmente Jamaica Kincaid vai a Inglaterra. A autora comenta sobre não conhecer o seu passado e a necessidade de saber a sua história e o vazio que sente. Ao chegar na Inglaterra, ela simplesmente odeia aquele lugar. Ela diz: “Their skins were so pale, it made them look so fragile, so weak, so ugly.” (p. 371)⁸ e daí podemos perceber que ela, de alguma forma, tenta se encontrar naquele espaço para o preenchimento do vazio, mas os britânicos são tão diferentes dela, como o cabelo, a cor, além do clima do país que é totalmente diferente. Por isso, através da desvalorização da existência do povo de Antígua, antes da colonização, traz uma perda de subjetividade e a partir daí é necessário para o ser humano se apegar a uma história do passado e apenas conhecem a versão dominante. Contudo, Kincaid nega isso, ela não quer ser inglesa, ela não é inglesa. Assim, ela comenta:

At the time I sang the hymns and recited the poems, I could really long again to see them again because I had never seen them at all, nor had anyone around me at the time. But there we were, groups of people longing

⁸ Suas peles eram tão pálidas, que os faziam parecer tão frágeis, tão fracos, tão feios. (TRADUÇÃO NOSSA)

for something we had never seen. And so there they were, the white cliffs, but they were not that pearly majestic thing I used to sing about (KINCAID, 1992, p. 375).

Bhabha (1998) diz que “A luta contra a opressão colonial não apenas muda a direção da história ocidental, mas também contesta sua ideia historicista de tempo como um todo progressivo e ordenado” (p. 72). Logo, de tanto criticar, contestar e odiar a Inglaterra, ela recebeu alguns comentários negativos sobre tal feito e os rebateu:

English have an unbearable smell so different from the smell of people I know, real people of course, she would have said that I was a person full of prejudice. Apart from the fact that it is I – that is, the people who look like me – who made her aware of the unpleasantness of such a thing, the idea of such a thing, prejudice, she would have been only partly right, sort of right: I may be capable of prejudice, but my prejudices have no weight to them, my prejudices have no force behind them, my prejudices remain opinions, my prejudices remain my personal opinion. And a great feeling of rage and disappointment came over me as I looked at England, my head full of personal opinions that could not have public, my pub lit, approval. The people I come from are powerless to do evil on grand scale. (KINCAID, 1992, p.374)⁹

Ela, mais uma vez, critica o sistema racista e afirma que quando um negro fala do branco, nada irá fazer diferença, pois o dominador do sistema é o próprio branco. Kincaid é acusada de produzir o mito do racismo reverso, um discurso utilizado constantemente pelo sujeito branco que não reconhece seus privilégios presentes no meio institucional e ideológico. Uma afirmação que faz uso de uma construção daqueles que pretendem fugir da discussão do verdadeiro problema: o racismo estrutural, no qual as ações racistas perpassam por um contexto ideológico presentes nas práticas sociais, que, de maneira explícita, é constantemente controlado pela supremacia branca.

O racismo reverso seria uma espécie de “racismo ao contrário”, ou seja, um racismo das minorias dirigido às maiorias. Há um grande equívoco nessa ideia porque membros de grupos raciais minoritários podem até ser preconceituosos ou praticar discriminação, mas não podem impor desvantagens sociais a membros de outros grupos majoritários, seja direta, seja indiretamente. Homens brancos não perdem vagas de emprego pelo

⁹ Eu sei, pessoas reais, é claro, ela teria dito que eu era uma pessoa cheia de preconceitos. Além do fato de que é eu – isto é, as pessoas que se parecem comigo – que o fizeram consciente do desagrado de tal coisa, a ideia de tal coisa, o preconceito, ela teria sido apenas parcialmente certa, tipo de Direito: posso ser capaz de preconceito, mas meus preconceitos não têm peso para eles, meus preconceitos não têm força por trás deles, meus preconceitos permanecem opiniões, meus preconceitos continuam sendo minha opinião pessoal. E uma grande sensação de raiva e desapontamento veio sobre mim enquanto eu olhava para a Inglaterra, minha cabeça cheia de opiniões pessoais que não podiam ter público, meu pub iluminado, aprovação. As pessoas de quem venho são incapazes de fazer o mal em grande escala. (TRADUÇÃO NOSSA)

fato de serem brancos, pessoas brancas não são “suspeitas” de atos criminosos por sua condição racial, tampouco têm sua inteligência ou sua capacidade profissional questionada devido à cor da pele (ALMEIDA, 2019, p. 35).

De acordo com Silvio Almeida (2019, p. 41), “o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional”, logo, em nosso contexto econômico, político e cultural, há presença de padrões e regras racistas que estão vinculadas as estruturas do nosso meio social. Ainda, segundo o autor, essas estruturas estão atreladas ao Estado e pela produção racista presentes em nosso imaginário. A partir daí, Kincaid mostra que para o mundo, apenas o dominante é escutado, enquanto a voz do negro é, em todo tempo, inferiorizada.

Por muito tempo, por conta da hierarquia estrutural, o sujeito negro foi silenciado, não tendo espaço para contribuir com produções intelectuais e, assim, dificultando a existência de discursos com outras perspectivas e experiências distintas. Esse silenciamento implica na perda de autoridade, e, para mudar isso, é necessário afirmar um lugar de fala do negro, que, de acordo com Ribeiro (2017), “pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (p. 90). Logo, a historiografia feita pelos brancos dominaram (e ainda dominam) o território e exalam as falácias que exaltam sua cultura e tentam apagar a cultura do negro.

Precisamos reconhecer que preconceito e racismo possuem o mesmo viés, mas não são a mesma coisa, não estão nas mesmas circunstâncias de poder disputar com uma estrutura de domínio complexo como o racismo, pois os modelos da hierarquização e poder são os colonizadores que detêm. O preconceito é “an aversive or hostile attitude toward a person who belongs to a group, simply because he belongs to that group, and is therefore presumed to have the objectionable qualities ascribed to the group¹⁰” (ALLPORT, 1954, p. 7). Já o racismo é muito mais que uma “atitude hostil”, ele tem um poder de dominação cultural, portanto:

O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada),

¹⁰ Uma atitude aversiva ou hostil em relação a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque ele pertence a esse grupo e, portanto, presume-se que tenha as qualidades objetáveis atribuídas ao grupo”. (TRADUÇÃO NOSSA)

a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. (LIMA; VALA, 2004, s/p)

Logo, quando a personagem afirma que o lugar de onde ela vem não tem grande importância para o “outro”, ela sente a importância de resgatar o seu passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para desconstrução desse pensamento, precisa-se "destruir" esse princípio de colonização implantado nos países minoritários, que ainda marca a forma de vida do povo negro, que envolve a baixa autoestima do povo colonizado, o imaginário implantado pelo colonizador e o perigo de uma história única (ADICHIE, 2009) causando um apagamento identitário.

Conhecer a sua matriz é algo importante para começar essa luta diária, é um passo essencial para trazer a igualdade racial tão almejada. Esse conhecimento traz um fortalecimento de autoestima na população afrodescendente. O resgate da cultura dos antepassados faz com que ocorra a construção e a manutenção da identidade negra, ao passo que se torna um símbolo político contra a opressão do “outro” branco.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, Gordon. **The nature of prejudice**. Boston: The Beacon Press, 1954.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BARRETO, Carol. **Moda e aparência como ativismo político: notas introdutórias**. In: encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 2015, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: [s. n.], 2015. *E-book*.
- DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro. In: **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1974. (Estudos)
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998

hooks, bell. Introdução: atitude revolucionária. In: **Olhares negros: raça e representação**. [S. l.]Cidade: Elefante, 2019.

KINCAID, Jamaica. On Seeing England for the First Time. **Transition**. n. 51 (1992), p. 32- 40. Disponível em: . Acesso em: 01 jun. 2015.

LELIS, Leandro. **As potências do simulacro: Deleuze com Nietzsche**. Revista Trágica, Rio de Janeiro, 2017. Artigo.

LIMA, Marcus; VALA, Jorge. As novas formas de expressões do preconceito e racismo. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 9 n. 3 n.p, set./dez. 2004.

OEA. **GUIA ANEXO**. Disponível em < <http://soi.org.br/wp-content/uploads/2017/05/Mini-SOI-2017-OEA-Anexo.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. 88 p. v. 4.

TED TALKS. **Chimamanda adichie: o perigo da história única**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Editora Vozes, 2003. p. 73-102

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2019.

ESTEVES, Laurenci Barros; CARVALHO, Isaias Francisco de. A SMALL PLACE, DE JAMAICA KINCAID: O DESPERTAR DA VOZ DE ANTÍGUA. **Vertentes & Interfaces I: Estudos Literários e Comparados**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 179-198, 2016. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52960/1/2016_art_lbestevesifcarvalho.pdf. Acesso em: 23 out. 2020.

